ANTONIO
CALLADO

QUARUP

25ª edição

Rio de Janeiro, 2021

Material com direitos autorais

Sumário

Prefácio — Quarup: *entre o ser e o talvez, de Daniel Munduruku*
Prefácio — Quarup: *identidade, espiritualidade e memória no território sagrado, de Márcia Wayna Kambeba*
1. O ossuário
2. O éter
3. A maçã
4. A orquídea
5. A palavra
6. A praia
7. O mundo de Francisca
Estudo crítico — Callado e a "vocação empenhada" do romance brasileiro, de Ligia Chiappini
Perfil do autor — O senhor das letras, de Eric Nepomuceno

Material com direitos autorais

PREFÁCIO

QUARUP: ENTRE O SER E O TALVEZ

Daniel Munduruku[*]

Ler o excepcional *Quarup*, de Antonio Callado, tendo a política nacional dos anos 1950-1960 como cenário, me evocou um conjunto de sentimentos. Além de ter sido um agradável retorno no tempo para repensar os meandros da construção da política contemporânea, me deu a sensação de que nada do que acontece no país pode ser deixado para trás. Senão corremos o risco de esquecer que somos uma pátria em construção, porque multifacetada pela força de uma narrativa que teima em deixar de fora seus filhos mais antigos.

Na verdade, confesso, não saberia dizer se o melhor é ler o livro a partir do ritual xinguano e através dele compreender a identidade nacional ou, ao contrário, ler a história da sociedade à sua volta para assim entender a real dimensão dos povos originários, seus símbolos e significados. Talvez – e somente talvez – o ideal seja inverter a lógica da narrativa como exercício para perceber as contradições que a sociedade brasileira – incluindo as populações originárias – foi acumulando ao longo da história contada pelas vozes oficiais e literárias. Nesse sentido, personagens se confundem, se contradizem, se equivocam e sonham possibilidades de uma convivência utópica em uma realidade distópica, representada pelo ritual fúnebre celebrado por diferentes povos na região do Xingu.

Material com direitos autorais

Entre desejos de reconstituir um sonho socialista baseado no modo coletivo de subsistência – a exemplo do que acontecera na República Comunista Guarani do sul do Brasil e a revolução que nasceria da consciência política do povo que sonhava com a derrubada do sistema capitalista por melhores condições de vida –, vamos acompanhando a saga dos personagens que, ao cabo, vão percebendo que a realidade se impõe à utopia política de construir um mundo melhor para todas as classes sociais. Interesses e disputas de poder vão dando espaço para a desconstrução dos ideais; sentimentos e ideias equivocadas vão abrindo o flanco para a derrocada da revolução necessária; ideologias baseadas no progresso e desenvolvimento vão destituindo possibilidades outras de se conviver com as diferenças e, se possível, torná-las apenas símbolo de um passado que não volta mais.

Quarup precisa ser lido por todas as novas gerações de brasileiros, para que possam entender como a construção de equívocos históricos é gerada especialmente no que diz respeito aos povos indígenas, aqui representados pelo ritual xinguano. Os diálogos dos personagens remetem sempre para essa construção imagética que foi sendo introjetada no inconsciente brasileiro desde sempre, mas que ganhou muita força na segunda metade do século XX. Por isso, o livro também pode ser lido como um documento histórico que revela como a sociedade e o próprio governo brasileiro sempre trataram os originários desta terra para além das ideologias ora de direita, ora de esquerda.

Não tenho dúvida de que a leitura deste clássico nacional é uma forma de nos atualizar para entendermos os enfrentamentos que ainda hoje se fazem presentes em nossa sociedade e revelam parte da identidade brasileira que não nos foi apresentada, porque negamos peremptoriamente o que os povos indígenas podem ensinar em termos de humanidade, de coletividade e de pertencimento. Essas qualidades deviam fazer parte da nacionalidade a ser incutida na mente e no coração de nossas crianças e nossos jovens. São qualidades

Material com direitos autorais

nutridas pelos povos originários. São qualidades que revelam o bem-viver que sempre orientou a educação que recebem. A resistência que ainda hoje possuem em proteger, não apenas o território, mas a fronteira que defende a constituição da existência que criaram para si. Uma existência pautada no bem comum, na prosperidade, na abundância e na comunhão com a natureza. Seria essa a verdadeira noção do comunismo como construção da igualdade?

---

* Mestre e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e pós-doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. Autor de 53 livros para crianças, jovens e educadores. Foi ganhador do Prêmio Jabuti por duas vezes e condecorado pela presidência da República como Comendador da Ordem do Mérito Cultural. Diversos de seus livros receberam o selo Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Já foi traduzido para o inglês, coreano, espanhol, alemão e italiano. Reside em Lorena, interior de São Paulo.

Material com direitos autorais

PREFÁCIO

QUARUP: IDENTIDADE, ESPIRITUALIDADE E MEMÓRIA NO TERRITÓRIO DO SAGRADO

Márcia Wayna Kambeba[*]

"RITUAL INDÍGENA
O que era um culto sagrado
Guardado como ouro ancestral
O 'branco' achou que era pecado
Invadiu meu ser espiritual
Deixei de ser filha de Euaracy
A cruz se tornou meu sinal
Proibiram minha dança dizendo:
Não existe mais o teu ritual."
(trecho do livro *Ay kakyri Tama – Eu moro na cidade*,
Márcia Wayna Kambeba)

Quarup é sem dúvida um livro que nos proporciona entender as lutas e resistências dos movimentos sociais no Brasil, mas também nos apresenta os conflitos enfrentados pelos povos originários para garantir o direito ao território e rememorar valores culturais, espirituais e identitários.

Desde o contato, os povos indígenas lutam contra o etnocídio e o genocídio cultural e pela preservação de saberes medicinais, por seu direito à terra e pelo cuidado com a biodiversidade no Brasil. A

Material com direitos autorais

violência se configura quando a cruz e a espada impõem sobre todos o domínio do sagrado e do território. Para os povos originários, o território e a cosmologia estão ligados a um sistema de crenças e conhecimentos que ao longo dos tempos vai sendo adquirido e repassado pela oralidade. A terra deixa de ter uma relação apenas de natureza e passa a ser entendida e sentida como o lugar das relações sociopolíticas e culturais.

No livro Quarup o autor descreve pontos importantes, como a luta pela terra, as epidemias e a religião. São alguns dos tantos impactos que ocasionaram a redução de vários povos e a dizimação de outros. Quando nos deparamos no romance com o personagem do padre Nando, que sai para evangelizar no Xingu, percebemos uma realidade ainda sentida pelos povos hoje. A forma como os missionários chegavam nas aldeias e catequizavam impactava a cultura em todo seu aspecto.

Abro um parêntese para falar de uma experiência vivida na aldeia onde nasci, do povo Tikuna, chamada Belém do Solimões, no Alto Solimões (AM). Minha avó chegou à aldeia em 1973, eu nasci em 1979 e a Igreja já estava lá. Um certo dia chegou um homem que carregava uma cruz, chamado de irmão José, ele ia convertendo o povo com a "Santa Cruz". Alguns aceitaram, outros, em recusa, se envenenaram com DDT. O fato é que a entrada de uma outra religião para se estabelecer acaba desequilibrando a existente.

Os povos indígenas sempre tiveram sua espiritualidade fortalecida na conexão com a energia da floresta e a ancestralidade. Tudo na natureza tem espírito e precisa ser respeitado. A ideia de Deus não existia para os povos da forma como foi apresentada pelos missionários ao se estabelecerem nas aldeias.

Os povos originários não tinham religião, esse foi um conceito que veio com o contato e foi tomando formas diversas na vivência dentro das aldeias. Na concepção de divindade, não existia "Deus". Sua crença se firmava na figura de um ser de luz, que podia ser o fogo, a

Material com direitos autorais

água, a lua etc. Para os Omágua/Kambeba existia tana kanata ayetu, que em português significa "nossa luz radiante". A luz radiante era expressa pelo sol, pela lua, pelas estrelas, pela natureza em geral. O povo Tembé são filhos de Maíra, que é representado pelo fogo. Os indígenas Mapuche, do Chile e Argentina, são povos da lua.

Para entender o sagrado de um povo é preciso conhecer sua cultura, seus rituais e respeitá-los. Os rituais são fundamentais para os povos originários, porque através deles se realiza a conexão com o mundo dos espíritos. Por isso existe o ritual de nascimento, o de iniciação das jovens na vida adulta e o de celebração da morte. Quarup é um ritual de celebração dos mortos, realizado na região do Xingu, porque acredita-se que, ao fazer o ritual, os espíritos dos entes queridos vêm para a roda e se alegram. Os indígenas xinguanos mantêm até hoje o quarup, que tem os preparativos iniciados quinze dias antes da grande celebração ritualística.

No romance de Antonio Callado, o quarup tem essa ideia de funcionar como uma celebração de um recomeço do padre Nando, que passará por muitos conflitos pessoais ligados a sua permanência como religioso, em seu território do sagrado. E nessa caminhada em busca do coração geográfico do Brasil, Nando passará pela experiência de conhecer o começo de uma nova vida e o reencontro consigo através do contato com os povos originários do Xingu. O comprometimento com as lutas sociais em prol dos menos favorecidos pode ser para ele a melhor forma de evangelizar.

Pensando neste século, é possível dizer que desde sua criação, em 1961, os desafios para quem mora no Parque do Xingu são grandes. No entanto, os povos mostram que é possível nesse novo tempo reescrever a história de protagonismos, resistências e lutas, entrelaçando as mãos com a biodiversidade que os circunda, na defesa de sua cultura, sua identidade e sua ancestralidade como natureza.

Os povos entendem que pode haver uma relação intercultural respeitosa e aprendem a conviver na cidade sem perder a sua

Material com direitos autorais

identidade, sem deixar de rememorar sua ancestralidade e afirmar o nome de sua nação. Na visão indígena, é possível manter uma relação de cooperativismo entre culturas diferentes. Viver na cidade não tira o direito de ser nação e reviver modos de vida presentes na memória, no orgulho e no sentimento de ser povo originário. Contando narrativas, tecemos nossa história de lutas e vitórias.

* Márcia Wayna Kambeba é indígena do povo Omágua/Kambeba do Alto Solimões. Nasceu na aldeia Belém do Solimões, no Amazonas. É geógrafa, mestre em Geografia, poeta, escritora, compositora, fotógrafa, ativista da causa indígena e ambiental. Tem quatro livros lançados: *Ay kakyri Tama – Eu moro na cidade*, *O lugar do saber ancestral*, *Saberes da floresta* e *Kumiça Jenó: a poética das encantarias*. É palestrante com atuação no Brasil e exterior sobre assuntos indígenas e ambientais e pesquisa sobre território e territorialidade dos povos indígenas. Trabalha com a educação dos sujeitos indígenas e não indígenas.

---

* Márcia Wayna Kambeba é indígena do povo Omágua/Kambeba do Alto Solimões. Nasceu na aldeia Belém do Solimões, no Amazonas. É geógrafa, mestre em Geografia, poeta, escritora, compositora, fotógrafa, ativista da causa indígena e ambiental. Tem quatro livros lançados: *Ay kakyri Tama – Eu moro na cidade*, *O lugar do saber ancestral*, *Saberes da floresta* e *Kumiça Jenó: a poética das encantarias*. É palestrante com atuação no Brasil e exterior sobre assuntos indígenas e ambientais e pesquisa sobre território e territorialidade dos povos indígenas. Trabalha com a educação dos sujeitos indígenas e não indígenas.

Material com direitos autorais

1

O ossuário

Vivos ali só Nando com a lamparina de querosene e Cristo na luz da sua glória. Diante do Cristo a temível balança onde os menores pecados de omissão e de intenção rompiam a linha de fé, deslocando com extravagância o fiel. Murmúrios de maledicência retiniam feito moedas no metal e velhos gestos de descaso e orgulho eram refeitos e imobilizados no ar para que deles se extraísse o peso exato, que afundava o prato. Momentos de amor-próprio e de respeito humano congelavam em bolas de chumbo, uma em cada prato, retratando vidas que haviam passado por virtuosas quando eram apenas um hirto equilíbrio de abominações. É que o Cristo em glória só julgava ali homens de Deus, que haviam escolhido viver crucificados no travessão daquela balança. Para os homens em geral a misericórdia aligeirava os pesos e até invertia a operação, descolando da própria massa pútrida dos pecados mortais a semente boa que muitas vezes fora sua origem. Para eles, não. Por trás de sua balança Cristo juiz encarava Nando. De costas para Nando e muito próximos de Cristo, seis franciscanos imóveis, três a cada lado, cabeças baixas cobertas do capuz. Enfrentavam a lei. E para eles não havia misericórdia. Eram a cabeça de duas filas de monges que aguardavam sua vez no juízo final. Estavam todos imóveis, imóvel estava o Cristo como se de súbito se introduzisse nos trabalhos uma alteração importante. Começara um

Material com direitos autorais

julgamento sem dúvida mais grave. Era Nando que subia entre as duas filas de franciscanos. Subia. Cresciam diante dos seus olhos a balança, a escala, os cutelos, os duros pratos prontos a reagirem a um frêmito de culpa. Enquadrado, dividido pelas linhas da balança, Cristo crescente para Nando caminhante. Cristo duro. Balança ele próprio. Cristo matemata. Nando ultrapassou os que eram julgados diante da balança, ultrapassou a balança, colocou-se ao lado direito do Cristo e mirou em frente. Os capuzes cobriam caveiras e na mão dos frades os rosários se prendiam a metacarpos e falanges. Eram esqueletos os frades em julgamento. Em toda a imensa cripta em frente, prolongada num corredor que morria em trevas, havia ossos empilhados e prontos a se reorganizarem em esqueletos vestidos de burel mal soasse para cada frade a trombeta de chamada.

Mas a pupila de Nando não chegou a se apagar na meditação da morte porque foi ferida por um tom vermelho. Que podia ser? Que vermelho era aquele entre as cores sujas do ossuário? Sangue na caveira ilustre do frade à esquerda? Uma sangrenta marca de mão? Talvez uma das brincadeiras idiotas de Hosana. Mas o riso que chegou aos seus ouvidos foi outro.

— Você pensou mesmo que o esqueleto tinha aberto os pulsos, Nando? — disse Levindo.

Todos os seus novos amigos já o tratavam assim, pelo nome. Não era mais "padre". A dispersão do mundo dispersava também a sua pessoa. Seu medo de partir para a missão que o uniria a si mesmo resultava nisto. O mundo era uma distração feita de um milhão de ideias passageiras. Uma incessante fita de cinema diante do altar de Deus.

— Desculpe a mão de sangue aí no irmão esqueleto. Foi sem querer. Eu me apoiei nele quando os meus olhos ainda não estavam habituados ao escuro. E me assustei. Que cara fria!

— Como é que você entrou aqui? — disse Nando.

Levindo sorriu malicioso e meneou a cabeça de cabelos pretos

Material com direitos autorais

cacheados.

— E a caridade, Nando? Você devia me perguntar primeiro se estou sentindo dor, se o ferimento é grave.

Só então é que Nando viu que a mão esquerda de Levindo estava ensanguentada.

— Me desculpe — disse Nando —, eu não tinha reparado. Como é que você se machucou assim?

Levindo se levantou do canto sombrio em que estava e respondeu com certo orgulho, erguendo a mão:

— Se machucou, não senhor. Me machucaram. Tiro, Nando. Bala de rifle. O Brasil se civiliza.

— Você precisa ver um médico, Levindo. Não arrisque perder a mão.

— Qual o quê! Levei um desses tiros com que a gente sonha quando se mete na luta: de raspão, abaixo do dedo pequeno da mão esquerda. Bastante sangue mas nenhum osso partido. De encomenda. Acho que a Força Pública tinha ordem de atirar para o ar. Nenhum camponês ficou ferido. Meu tiro foi de camaradagem.

— Cuidado, Levindo — disse Nando. — Violência é coisa que quem procura encontra sempre.

— Graças a Deus — disse Levindo.

— O tiroteio foi por quê?

— Esse usineiro Zé Quincas, da Usina Estrela, é o mais poderoso e o mais safado de todos eles. Se a gente conseguir curvar essa peste os outros vão ver que a coisa não é mais brincadeira. Eu fui lá com uns camponeses que entraram para o sindicato e foram despedidos. Voltei com eles, que queriam desafiar Zé Quincas criando um caso como o de hoje. Fui ajudar eles a fazerem casas nas terras da Usina. Eles têm direitos adquiridos, que diabo.

— Fazerem casa em terra dos outros?

— Toda a terra em Pernambuco é dos outros. Eu sabia e os camponeses sabiam que a polícia, que também é dos outros, acudia

Material com direitos autorais

logo para desmanchar as choupanas. Dito e feito.

Levindo continuou desfiando a história da chegada da polícia, das arrogâncias de Zé Quincas e das condições de trabalho escravo que impunha aos lavradores, mas Nando fitava com desalento a mancha de sangue no marfim ilustre da caveira franciscana. Uma profanação, o episódio de loucura e violência vindo desaguar no ossuário. O sangue de um jovem desmiolado a manchar quem só aguardava o sangue da Ressurreição. Que tinha Levindo a fazer ali, santo Deus? Na primeira pausa Nando insistiu:

— Sei, sei... Mas como é que você veio parar no ossuário?

— O importante era eu ficar bem escondido enquanto Januário movimenta os advogados. O importante era não me prenderem em flagrante de invasão de terras. Se eu fosse para casa ou qualquer lugar conhecido deles, me prendiam. O ossuário me pareceu a melhor ideia do mundo. O que eu não esperava era encontrar a porta aberta.

— A porta estava aberta?...

Nem para isto servia mais, disse Nando a si mesmo. Nem mais usava para trancar portas as chaves confiadas à sua guarda.

— Francisca tinha me falado tanto no ossuário — disse Levindo. — Como esconderijo confesso que não há melhor.

— Francisca disse a você que era bom esconderijo?

— Não, coitada, ela nem sabe que estou aqui. Francisca me falou na cripta com entusiasmo, foi só. Quer fazer desenhos aqui.

Nando respirou com alívio. Pontes não atraiçoam as margens em que se apoiam e Francisca era o carreiro de estrelas entre mundos. Desde que d. Anselmo lhe dera permissão — mais do que isto, lhe ordenara — que saísse do mosteiro, que fizesse relações com gente do mundo, Nando só tinha encontrado uma paz séria e tranquila em Francisca, noiva de Levindo. O mais era o desmembramento, o mundo entrando em filetes de distração por todas as frinchas da fortaleza que ele fora antigamente. A convivência com seus amigos ingleses era, sem dúvida, estimulante mas agora o levava quase ao

Material com direitos autorais

desespero, de tanto que o tirava de dentro de si mesmo. Nando reparou que Levindo tinha parado de falar e que se sentava sobre uma pedra, o rosto amarelo como o das caveiras. Nando o amparou, ansioso:

— Meu Deus — disse Nando — em vez de socorrê-lo, eu...

Levindo tentou um sorriso, a testa úmida de suor:

— A culpa é minha, que vim perturbar o seu retiro. Não é nada não. Uma tonteira que já está passando.

— Acho que não há mais perigo de sairmos daqui. O ar é um pouco viciado e você perdeu sangue. Vamos ao refeitório tomar um café bem quente.

— Mais uma horazinha fora de circulação não vai me fazer mal nenhum. Quando eu sair, Januário já tomou as providências. Nós temos tudo muito bem combinado.

— Então escute — disse Nando. — Espere aqui um minuto. Eu vou à farmácia apanhar gaze e iodo para um curativo e trago também alguma coisa para você comer.

Nando voltou com uma pasta em que enfiara os remédios, a garrafa térmica de café e o pão. Desinfetou e atou a mão ferida enquanto Levindo, muito branco, desviava o olhar para não assistir ao curativo. Depois Levindo mordeu com fome o pão e tomou grandes sorvos do café. Ficou de rosto rosado, de olhos brilhantes e Nando, por um momento, mergulhou por completo no enlevo de ver a vida animando de novo a cara daquele quase menino ainda. Enlevo de pouca duração porque Levindo de pronto tirou um cigarro do bolso e o acendeu cantarolando uma música popular. O fumo, a música, a caveira com a nódoa de sangue eram uma espécie de representação palpável das distrações inimigas dos místicos. Levindo deu uma tragada funda e espalhou uma nuvem de fumaça pelos esqueletos e pelo Cristo.

— Puxa, agora sim, seu samaritano, agora você será sem dúvida recompensado.

Material com direitos autorais

Recompensado Nando tinha sido no dia seguinte, quando entrava no claustro revestido de azulejos azuis da vida de Santa Teresa. Só homens são admitidos à história azul da *vamp* de Deus nascida quando seu crucificado amante desembarcava das naus no Brasil. Magra menina em cujos negros olhos armava-se a fogueira futura — *mi sagacidad qualquier cosa mala era mucha* — e de repente monja aberta em lírio definitivo. Maçã macilenta do segundo paraíso, lírio com que Deus filho se apresentará dizendo há esperança, Pai, se a esta alvura alguns conseguem chegar. Mira esta monja branca em açucena passada a limpo. Teresa boba de Deus no leito de linho místico revolto de arroubamentos. Perdão se são as mesmas as palavras para todos os amores. *Mi honra esya tuya e la tuya mia.*

Nando buscou no automatismo de sempre a cabeça de Teresa no azulejo em que recebe a inspiração de fundar a Ordem das Descalças, o azulejo do fundo, à direita do esguicho central do repuxo se observado em dia sem vento do limiar da porta da Sacristia. Com espanto, apenas consciente no interior de sua meditação, via um ladrilho de sol em lugar do ladrilho azul. Depois, com a proximidade maior, avistou o azulejo predileto mas com a mancha amarela aos pés, como se Teresa flutuasse sobre a nuvem de ouro dos cabelos de Francisca. Era a recompensa ao samaritano.

— Que é isso, padre Nando? Tão distraído — disse Francisca.

Francisca, em geral, quando se encontravam, começava ainda por chamá-lo "padre". Depois esquecia.

— É que...

— Já sei. Está espantado de ver uma mulher no claustro.

Francisca brandiu um papel que tinha por baixo da tábua de desenho com o grande pregador de metal de firmar as folhas.

— D. Anselmo me deu um salvo-conduto para desenhar os azulejos de Santa Teresa.

— Ah, muito bem — disse Nando —, uma invasão legalizada.

— E pacífica. De mais a mais Teresa de Ávila era uma mulher. Por

Material com direitos autorais

que há de ficar sequestrada entre homens? Ou entre santos, se fosse o caso.

Francisca tinha falado com expressão perfeitamente séria mas Nando já notara que na radiosa pureza dos seus olhos verdes se acendiam às vezes uns fogos minúsculos.

— Mas o que eu queria mesmo fazer hoje aqui — disse Francisca — é lhe agradecer o abrigo que deu a Levindo.

— Como vai ele? — disse Nando. — Deve ter perdido bastante sangue.

— Está perfeito outra vez. Nem fez mais nenhum curativo, depois do seu. E não me espanta nada que ele esteja metido em outra "invasão" de engenho.

— Anda muito afoito o Levindo — disse Nando. — Veja o caso de outro dia. O tiro pegou na mão mas podia ter causado ferimento grave.

— Eu sei, eu sei — disse Francisca — e não pense que não me aflijo o tempo todo com o que pode acontecer a ele. Mas Levindo acaba por convencer a gente de que não morre antes de fazer uma revolução. Diz que ninguém morre no meio de um trabalho importante.

Nando olhou os dois croquis da folha em que Francisca trabalhava. Na parte superior, longos pés descalços da carmelita pisando lajes frias. Embaixo, o esboço de Teresa alanceada pelo anjo, no auge do arroubamento, olhos velados de enlevo, o torvelinho do êxtase misturando hábito, capuz e cara da monja.

— Vai documentar as obras de arte do mosteiro? — disse Nando.

— Principalmente estes azulejos. É o que existe de mais ameaçado aqui.

— Ameaçado? — disse Nando. — E nós que nos gabamos de cuidar tão bem deste forro do nosso claustro.

— O forro do claustro de vossas reverendíssimas ainda existe porque os ladrilhos foram muito bem colados à parede. Vossas reverendíssimas adoram Teresa mas não se dão ao trabalho de

Material com direitos autorais

preservá-la. Há uma carência de Martas nesta casa.

— Senhor — riu Nando —, que ataque a nós todos.

— Sabe que faltam quinze azulejos? — disse Francisca.

— Não é possível — disse Nando.

— Pois então conte as falhas na parede.

Nando sempre perguntava a si mesmo, diante de uma mulher moça e bonita como Francisca, se era pura também. Francisca era. Tinha de ser. Era das que Nando contemplava sentindo-se seguro em sua virtude, defendido. O próprio Levindo, tão alegre e violento na sua pregação trotskista, anarquista, comunista ou lá o que fosse, tratava Francisca com doce ternura e quase um certo alheamento. Francisca estava frequentemente sozinha, como agora no mosteiro. E esse procedimento que Nando estranharia se outra fosse a noiva, aceitava como intuição perfeita do noivo. Mesmo no seio de uma montanha o cristal é infenso à terra. Mesmo imersa no mundo Francisca era invulnerável a ele. Pertencia à raça das mulheres amigas da Igreja, inspiração de poetas. Nem todos podem ir diretamente a Deus, escalando o Monte Carmelo em mãos como garras lívidas e joelhos sangrentos, no rastro apaixonado de Don Juan de la Cruz aliás San Juan Tenório. Irmãos leigos dos santos, os poetas do amor indicam trilhas menos escarpadas e semeadas de lagoas que são íris verdes.

Quase todos os dias, num obstinado exame de consciência, Nando procurava ver como perdera o vácuo interior que antigamente a meditação enchia como a água enche uma cisterna vazia.

Lembrava-se do início de tudo, que tinha sido o seu primeiro encontro com o casal de ingleses. Estava também no ossuário, pela manhã, meditando, perdido como então sabia se perder na visão do juízo e esperando como sempre captar a música que um dia ouviria. Estremeceu ao reboar pela cripta uma voz:

— *Animula vagula, blandula!*

Material com direitos autorais

Por tolo que lhe parecesse isto agora, o fato é que ficara um momento atordoado com o verso ímpio de Adriano se desdobrando em ecos cavernosos ao seu redor. Depois o riso falso e sincopado de Hosana:

— Assustei-vos, ó timorato padre Nando?

Nando se limitou a dar de ombros, ocultando a irritação.

— Confessa, confessa logo, Nandinho. Você pensou que fosse uma caveira lamentando a existência passada na ilusão de que valia a pena servir uma pobre alminha vágula e brândula.

— O que é que você quer aqui, Hosana?

— Não vim interromper sem motivo tua pia meditação, ó futuro esqueleto. Detesto este lugar imundo. Vim a mando do barbaças, que desejava saber onde se encontrava a menina dos seus olhos, Nando, o falso missionário.

— D. Anselmo quer falar comigo? — disse Nando.

— Sempre. Principalmente agora, que pretende espremer trabalho de você. No seu lugar, Nando, eu já estava no meio da mulherada índia. Quem me dera que o velho Anselmo me mandasse para lá.

— Não há de ser sobre isso que ele quer me falar. Ainda ontem tornamos a conversar.

— Chegou gente para visitar o mosteiro e ninguém te encontrava. Aqui o Hosana desconfiou logo que Nando devia estar polindo os ossos da fradaria para o instante do despertar no seio de Abraão. Ui! que bafio de eternidade.

— Então, vamos embora que eu tenho de trancar a porta — disse Nando.

— Você devia deixar a porta sempre escancarada para arejar esse hálito faraônico — disse Hosana. — Deixa isso aberto. Traz as visitas para cá também.

— Você sabe que não pode — disse Nando.

— Os ingleses que estão te esperando lá fora me disseram que vinham ao ossuário.

Material com direitos autorais

— Então pediram permissão expressa a d. Anselmo — disse Nando.

— Você devia impor condições — disse Hosana. — Já que é você o guia e introdutor diplomático podia ao menos exigir autoridade para trazer aqui quem quisesse ver as múmias.

— Acontece que eu estou de pleno acordo com d. Anselmo. Isto é um lugar santo. Para que trazer turistas analfabetos que na melhor das hipóteses apreciarão isto tanto quanto você?

— Deixa de inocência, Nando. D. Anselmo pouco está ligando para a santidade dessa cripta fedorenta. Ele quer é evitar um escândalo sobre o túnel.

Mais um pedaço de corredor aberto na pedra e a subida que ia dar no claustro revestido de azulejos azuis. Nando procurou Teresa tirando a sandália. A ordem de fundar a Ordem. Depois o pleno ar livre do pátio, o sol encharcando a branca fachada quinhentista. Outro dia enjoado e lindo, pensou Nando sentindo o sol escorrer feito melado pelos muros, lambuzando tudo. O céu azul como uma gamela de louça das índias emborcada em cima do mundo. Coqueiros de palmas bordadas pelas rendeiras, tronco cinzelado por santeiros.

— Lá estão os ingleses — disse Hosana vendo o casal ao longe no pátio. — Ela até que é um quitute. Ruiva.

E Nando tinha tido a primeira conversa com os que seriam tão amigos seus, ele chamado Leslie e ela Winifred. Leslie tinha vindo como jornalista mas acabava de conseguir aprovação para permanecer mais tempo e escrever um livro sobre o Brasil, principalmente sobre o Nordeste.

— Principalmente sobre o Nordeste e principalmente sobre o papel que desempenharam os holandeses no Nordeste — disse, rindo, a mulher, Winifred.

— Winifred gosta de implicar comigo — disse Leslie. — Como minha mãe é holandesa, ela acha que estou querendo justificar os antepassados. Mas vou apenas tocar nos holandeses em busca do

Material com direitos autorais

Nordeste atual. E estou começando a achar que antes de botar mãos à obra eu devia conhecer melhor o Brasil em geral. Tenho conversado com muita gente para poder formar um roteiro que me dê uma base mínima.

— Cuidado, cuidado — disse Nando. — Em geral os estrangeiros estudiosos do Brasil vão ao Rio, a São Paulo, às cidades barrocas de Minas, à Bahia, alguns se arriscam até o rio Amazonas e...

— E pelo seu tom não é nada disto que deviam fazer — riu Winifred.

— Qual é o melhor caminho para se formar uma ideia deste gigante de país? — disse Leslie.

— Eu por mim — disse Nando — acho que para se pegar o espírito do Brasil e as raízes de sua vocação no mundo o roteiro seria outro. Pouquíssimos brasileiros o fazem e daí a confusão em que vivemos. Eu considero a ida ao centro do Brasil, onde vivem os índios em estado selvagem, mais importante, muito mais importante do que conhecer o Rio ou São Paulo. E considero uma visita à zona das Missões, no Rio Grande do Sul, mais importante do que visitar Olinda, Bahia, Ouro Preto. Vejam bem — continuou Nando concentrado —, é só no Brasil que ainda existem, tão perto das grandes cidades, homens mais em contato com Deus do que com a história, isto é, com o mundo da razão e do tempo. Entre eles a aventura do homem na terra poderia começar de novo. Quanto às Missões, às ruínas dos Sete Povos, elas são os restos de uma experiência maior do que qualquer das utopias abstratas já escritas. Ali os jesuítas tentaram recomeçar o mundo com os índios guaranis.

— O que é que eles fizeram? — disse Winifred.

— Uma República cristã e comunista que durou século e meio, minha senhora. Incrível a displicência de historiadores diante da maior experiência social que se fez sem dúvida na América e que possivelmente foi a maior do mundo desde o Império Romano — continuou Nando.

Material com direitos autorais

— Realmente eu nunca tinha ouvido...

— Como ouvir, minha senhora, se ninguém diz nada? Hoje só restam ruínas, dignas ruínas, mas ali se provou, durante cento e cinquenta anos, que com índios se poderia retomar, refazer o império sem fim e criar na América uma República teocrática e comunista, na base do cristianismo dos Atos dos Apóstolos. Com seres novinhos ainda da Criação dava-se o salto definitivo para uma nova sociedade mundial.

— Fantástico — disse Leslie, e Nando perguntou a si mesmo se o inglês achava fantástico o que ele narrava ou fantástico ele próprio, narrando tais coisas.

— Fantástico o que acontece desde então — disse Nando. — Espanha e Portugal destroem a fulgurante República Guarani. A ideia comunista, fundamental no homem, é torcida e recriada no século seguinte pelo Manifesto Comunista. Para sempre a Igreja perde a primazia. E, no entanto, o que se sabe hoje desse instante crucial da história humana, dessa tragédia nos campos e florestas do sul da América do Sul? Nada. Umas vinte linhas em Toynbee, volumes oito e nove. Fantástico, literalmente fantástico. Isto, minha senhora, no historiador que reduziu as civilizações a mero adubo das religiões. Quando menciona em livro oceânico a grande experiência jesuíta de criar simultaneamente o adubo e a flor, o estrume e a espiga, despacha tudo em vinte linhas desgarradas.

Hosana voltou para perto de Nando.

— D. Anselmo quer que você atenda uma senhora que já foi reclamar — disse Hosana, olhos baixos mas presos ao decote de Winifred.

— Estamos tomando horas e horas de padre Nando! — disse Winifred.

— Mas temos muito ainda que conversar sobre a República dos Guaranis — disse Leslie.

— O senhor precisa vir nos visitar — disse Winifred. — Tomamos

Material com direitos autorais

uma casinha na praia.

— Só uma pergunta sobre a República — disse Leslie. — O senhor acha mesmo que seria possível ainda hoje, com os índios do Brasil Central, tentar de novo o que tentaram os jesuítas?

— É difícil responder sim ou não ao aspecto prático do empreendimento — respondeu Nando. — Quanto ao aspecto essencial eu diria que sim.

— Qual foi a sua impressão, entre os índios?

— Nenhuma — disse Nando. — Nunca estive entre os índios.

Nunca tinha estado entre os índios. O Senhor ainda não lhe dera a coragem para iniciar as modernas Missões.

A brecha aberta por aquele primeiro encontro se alargara durante o ano. Nando continuava indo ao ossuário todos os dias, mas em vez de meditar, rezava, o que era mais fácil. Repetir palavras de adoração é mais simples do que adorar. Fórmulas de prece nada eram diante do borbulhante palavreado desconexo dos momentos em que, a ponto de se afogar em Deus, o homem solta com alegria o resto de sopro que ainda tem no peito. *Y muero porque no muero.*

Estava no ossuário dois dias depois do socorro prestado a Levindo. Limpava com uma esponja molhada a mancha de sangue que ficara na santa caveira quando viu, com um suspiro de resignação, que entrava padre André.

— Nando, d. Anselmo está chamando — disse padre André.

— Está me chamando?

— Está. Disse para eu ficar aqui no seu lugar. Não quer ser interrompido na conversa com você.

Nando ia se afastando mas André, amarelo, esquelético, os cabelos em desalinho, como de costume, o segurou pela manga.

— O que é, André?

— Eu sei o que você vai falar — disse André —, eu sei o que você vai repetir, mas por mais que me esforce e medite não vejo que outra questão tenha importância de longe semelhante. Como podem os

Material com direitos autorais

homens existir, comer, vestirem-se enquanto ninguém sabe se por acaso Deus não voltou à terra? E se ele estiver entre nós? Agora? Aqui? Nos ouvindo de fato atrás de uma coluna?

Nando olhou ao redor com certa inquietação.

— Você não acha que é a questão fundamental? — disse André. — A única que tem importância?

— Sim, sem dúvida. Mas não é assim que eu sinto Deus, André. Não imagino Deus aparecendo de chofre, para nos surpreender. D. Anselmo está me esperando.

— O Apocalipse de São João é explícito. O Segundo Advento é tão importante que...

Foi a vez de André olhar em torno, como se o Santo Ofício o espreitasse.

— ...que sem ele a Primeira Vinda não teria importância ou sentido nenhum.

— André! — disse Nando.

— Escuta, Nando, escuta. Você não compreende? Ficou tanta coisa a ser cumprida, tanta profecia à espera de realização! Houve a Vinda-aviso e ficou faltando a Vinda-preenchimento. Eu juro a você que sinto o Milênio nos ares.

— André — disse Nando —, eu positivamente tenho de ir agora. Você sabe como d. Anselmo se irrita quando espera por alguém que mandou chamar.

Nando entrou e d. Anselmo, cofiando a barba de Júpiter, fez sinal para que se sentasse. Continuou falando a Hosana.

— Com seu grande zelo reformista inicial os protestantes podiam ter feito muito mais contra a verdadeira religião — não fosse o erro de liquidarem o celibato. Rodeado de mulher e filhos o pastor protestante exerce no máximo, entre as famílias de paróquia, a influência psicológica de um bom médico clínico. Perdeu aquela influência de...

— De pajé — disse Hosana.

— Se você quiser — disse d. Anselmo —, de xamã, de homem

Material com direitos autorais

milagroso, ligado às forças divinas. Isso não é possível quando se tem de levar a mulher ao ginecologista.

Sempre que se considerava espirituoso e inteligente d. Anselmo cofiava as enormes barbas para retomar seu ar severo e se corrigir de vanglória.

— Está muito bem-posto, d. Anselmo — disse Hosana. — Mas é necessário pelo menos um contato frequente com mulheres. O homem precisa de mulher, completa-se na mulher.

— Ah, meu filho, se falamos no nível do não celibato sacerdotal, o homem se completa na mulher porém em nível muito mais baixo. Completa-se inteirando a sua animalidade. O homem, em toda a sua forma e função, é energia muscular que impele, repele a matéria. Para procriar expele de si mesmo um excesso concentrado de vida. É um criador inocente. Nele próprio só elabora pensamento.

— E resíduos, naturalmente — disse Hosana. — Isto é, com perdão das palavras, urina, fezes etc.

— Sim, claro, mas expele-os, não os retém. O homem é energia centrífuga, a mulher é o vaso que recolhe e elabora.

— Vaso respeitado e louvado pela Igreja, inclusive com dogma recentíssimo. Precioso vaso, d. Anselmo.

— Também de pleníssimo acordo e nem de outra forma poderia ser. Mas limitemo-nos à função sacerdotal do homem de Deus. Ligando-se à mulher o sacerdote estabelece um contato irremediável com a feição primitiva da existência. Não é mais a energia desinteressada e da qual o pensamento se destila como um perfume. Materializou e dissipou sua energia recolhendo-a...

— A um útero, como o útero que o gerou.

Talvez mais enfurecido pelas interrupções do que pelo cinismo de padre Hosana, d. Anselmo virou um Moisés irado e silvante.

— Sim, igual ao útero da tua prima Deolinda!

Hosana recuou, pálido. Nando se levantou.

— Vossa Reverendíssima — disse Hosana.

Material com direitos autorais

— Eu já lhe falei algumas vezes — disse d. Anselmo — nas suas amiudadas visitas àquela casa.

— Eu disse a Vossa Reverendíssima que era a casa de minha tia.

— Em casa de tias há primas. Além disto, não há tio na casa.

— Morreu, Vossa Reverendíssima.

— Que Deus o tenha em sua santa guarda. Minha paciência com você, Hosana, tem sido exemplar. Até mesmo com suas respostas, nem sempre tão inteligentes assim. As denúncias agora são positivas. Tanto anteontem como ontem à tarde você foi visto já não digo sem batina mas de pijama — entendeu bem? de pijama — chupando laranja no quintal da prima Deolinda.

— Moça muito respeitável, d. Anselmo, e temente a Deus — disse Hosana.

— Padre católico é padre católico — disse d. Anselmo. — Nós não pertencemos ao crescei e multiplicai-vos, compreendeu? Nós somos os legítimos pastores de Deus. Guardamos o rebanho, longe dele. Guardamos as ovelhas. Não damos leite, não damos carne, não dormimos no curral.

— Deixe-me explicar, d. Anselmo — disse Hosana.

— Por hoje basta. E estabeleça-se o seguinte. Em nenhuma hipótese o senhor deve voltar à casa de sua tia. Até agora foi advertido. Doravante está proibido. Pode sair.

Hosana saiu, rosto crispado de ódio. D. Anselmo andou pela sala, murmurando uma prece agitada.

— Bom dia, d. Anselmo — disse Nando.

O superior deu ainda umas voltas pela sala.

— Padre Fernando — disse afinal —, não sei explicar como, mas a imprensa já descobriu esse desagradável assunto do nosso túnel.

Nando assentiu com a cabeça, lembrando carta de Teresa de Jesus: *"Todas son mozas, y creáme, Padre mio, que lo más seguro es que no traten con frailes."*

D. Anselmo retomou a caminhada. Tanto para pensar no túnel

Material com direitos autorais

como para deixar a ira se esvair — pensou Nando.

— Quando for um dia à Europa — disse d. Anselmo — você vai encontrar guias de templos, de palácios ou de ruínas que não têm nem sua educação e nem seu preparo mas que dão a impressão de ser grandes eruditos. Os druidas passaram a ser uma fascinação da minha vida depois que ouvi as histórias de um guia em Stonehenge que poderia ser o grande Frazer. E, na verdade, só sabia umas poucas páginas decoradas sobre as pedras que examinávamos. Nosso problema, portanto, é formar um bom e sólido texto mostrando como antigamente mosteiros, abadias e conventos eram também, pelo menos do ponto de vista defensivo, praças de guerra. Por isso garantiam, com túneis e galerias secretas, suas comunicações em caso de assédio. Demonstrado isto, tudo mais — conventos de freiras, esqueletos de infantes — se torna conjetural. Nós próprios retomaremos e levaremos a cabo os trabalhos que foram interrompidos. E depois, pronto. Abriremos ossuário, túnel, galerias à visitação pública. Num instante para-se de falar no assunto. Como encarregado das visitas ao mosteiro quero que redija esse texto, padre Fernando.

D. Anselmo cofiou a barba.

— É lamentável e incompreensível que a imprensa tão depressa tenha sabido da interrupção de nossos trabalhos.

No novo silêncio de d. Anselmo, agora já calmo, Nando sentiu que o assunto eterno vinha vindo, vinha vindo.

— Então, e nossa Prelazia do Xingu, quando vamos fundá-la sob o seu comando?

— Continuo na mesma angústia — disse Nando.

— Uma pena, uma pena — disse d. Anselmo novamente se agitando. — Como entender que alguém desde menino se prepare para um trabalho e que depois o refugue, o evite, o adie assim? E para quê? Para ficar desempenhando esse ofício de guia, que você detesta!

— Perdoe-me d. Anselmo, eu compreendo seu desapontamento,

Material com direitos autorais

mas a verdade é que...

— Na boca de todo o sertão do Xingu e do Amazonas em geral, temos um único homem, e já bem velho, em Xavantina. É tudo. Vamos, meu filho, decida-se. Você foi talhado para essa obra.

— D. Anselmo — disse Nando —, eu fracassarei diante de Deus e dos homens se um dia não me dedicar de corpo e alma aos índios. Mas a verdade é que quero muito — Deus me perdoe, exijo muito de minha coragem. Eu não gostaria de ficar em Xavantina, ou num povoado qualquer, por menor que fosse. Quero ir em busca dos índios ferozes e trazê-los ao contato da civilização por meio de Cristo.

D. Anselmo deu um suspiro fundo.

— O orgulho, padre Fernando, tem impedido tantas empresas quanto a covardia, digamos. E a covardia é pelo menos um defeito humano. Não é, como o orgulho, o primeiro pecado capital. Quando você fala me parece ouvir algum atleta que antes de competir com quem quer que fosse precisasse tornar-se o homem mais forte e destro do mundo inteiro.

Barba cofiada.

— Não é orgulho, d. Anselmo, é o temor e tremor kierkegaardiano.

— É o quê? Ah, sim, aquele autor da moda — disse d. Anselmo. E impaciente:

— Tente ao menos, rapaz. Qualquer malogro é preferível à inação, que leva ao sétimo pecado. Tente por decisão sua ou irá para o Xingu sob vara. Em obediência a ordens superiores. Dou-lhe um mês, a contar de hoje.

Nando quis replicar mas foi detido, como Hosana antes.

— Prometo-lhe que durante este mês não voltarei a lhe falar do assunto. Mas dentro de trinta dias o senhor deverá estar no Rio de Janeiro para os contatos com o Ministério da Agricultura e o Serviço de Proteção aos Índios. Do Rio segue para o Xingu. Bom dia, padre Fernando.

Material com direitos autorais

Na casa de Leslie e Winifred, Nando passou, durante muito tempo, horas perfeitas. D. Anselmo lhe estimulava as visitas por sentir que no debate intelectual contra os dois Nando corrigiria seu lado mais sonhador e — esta a grande esperança — sairia afinal para o Xingu, ainda que em parte para provar aos amigos protestantes que não era um indeciso irrecuperável. Nando não aceitava os longos uísques com água de coco ou o *pink gin* que os ingleses tomavam, mas Winifred tinha o tempo todo seu café em banho-maria. E falava-se. Nando escapava do mundo mourisco e barroco em que vivia.

— Quando houver uma perspectiva maior — disse Nando — vai-se ver que houve três quedas do homem, três expulsões do paraíso: a queda de Adão, a do Império Romano e a do Império Guarani.

— Ora, Nando — disse Winifred —, desce desse jeito dogmático. Adão não é fato histórico, Roma não se acabou num dia. Pelo seu modo de falar parece que Deus tocou uma trombeta e surgiram da terra prontinhas as nações bárbaras, enquanto Roma sumia num buraco.

— Nando tem uma concisão de poeta, minha filha — disse Leslie. — O que ele lamenta é que todos hoje não falamos latim e não vamos à missa dele.

— Vocês estão aí mangando de mim mas sentem como eu a tragédia que é a Babel moderna, a confusão de incontáveis línguas, o tempo perdido.

Nando pôs-se a andar pela sala.

— O Império Romano foi a organização política engendrada pelo Senhor para o mundo. E assim como o grande poeta pagão de Roma previu na quarta écloga a vinda de Jesus, com 37 anos de antecipação, o grande poeta católico de Roma defendeu o aspecto temporal do Império.

— Dante já defendia então uma causa mais do que perdida — disse Leslie. — Ele ainda usava o latim para suas polêmicas mas usou o italiano para o seu poema. Fazia um epitáfio do Império.

Material com direitos autorais

— Nem por isso é menos verdade o que escreveu — disse Nando.

— Já não era verdade quando ele escrevia, seu cabeçudo — disse Winifred. — É isto que Leslie acaba de provar. Aliás o nosso Gibbon achava que os cristãos, tanto quanto os bárbaros, derrubaram o Império.

— Um pobre cego — disse Nando. — Ao surgirem os cristãos o Império temporal, sozinho, não tinha mais forças para fecundar a Roma eterna. Foi quando a semente de Cristo caiu nas catacumbas.

— O amante de Lady Chatterley — disse Winifred.

— *Darling!* — disse Leslie.

— Grandezas e misérias da educação católica militante — disse Winifred. — Não me conformo vendo um sujeito inteligente como Nando a falar em segundas quedas e segundas chances como se a história fosse uma espécie de peça assistida pelo Senhor lá das nuvens.

— A história das origens se repetiu de uma forma inegável em relação à América — disse Nando. — No paraíso o homem foi instruído por Deus, teve sua primeira chance, sua primeira queda. Ergueu-se...

— *Humpty-Dumpty* — disse Winifred.

— O quê? — disse Nando.

— Nada — disse Leslie —, tolice de Winifred. Continue, Nando.

— Ergueu-se, sacudiu o pó, evoluiu para a criação lenta da sua obra-prima: o *Imperium Sine Fine*. Deixou que Roma tombasse e só com o descobrimento da América criou Deus o segundo Adão, o indígena. Organizando os índios guaranis os jesuítas compreenderam o recado que dava Deus. Fundaram, com o segundo Adão, o segundo Império Romano, destruído pelos bárbaros paulistas.

— A segunda chance e o segundo Adão ainda estão aí, nesse caso, à espera de nova tentativa — disse uma noite Leslie, batendo o cachimbo na sola do sapato. — Mas vocês não vão aproveitar nem a chance nem o Adão, a continuarem como agora. Um país novo e já cheio de mesquinharias.

Material com direitos autorais

— Um ataque frontal — disse Nando. — A troco de quê?

— Eu sei — disse Winifred. — O túnel.

— O túnel? — disse Nando.

— Isto é um exemplo — disse Leslie. — Saiu uma nota num jornal, a propósito do túnel que tanto amargura Nando. Pois as beatas já dizem que o túnel teria sido escavado entre os frades e as freiras pelos holandeses. Só para desmoralizar os católicos. Francamente!

— Absurdo — disse Nando. — É absurda toda a história maliciosa acerca do túnel. Eram relativamente comuns essas galerias subterrâneas, como parte de planos defensivos.

Nando prosseguiu, rápido.

— Deixando de lado essas mesquinharias de província, eu pergunto: vale a pena fazer um novo *país* no mundo, mais uma *nação*? Não estão os homens repetindo e repetindo o mesmo erro?

— Nando — disse Winifred —, não abra o flanco assim a Leslie. Qual é a alternativa? Estamos todos de acordo em que seria muito melhor se os homens do mundo inteiro formassem uma grande nação fraterna.

— Mas até para isso — disse Leslie — o remédio, segundo Nando, seria restabelecer o latim, com proibição de qualquer outra língua, e criar de novo o Império Romano, a partir de um Império de bugres, com sede no Brasil. Isto me parece um artifício, bastante laborioso, para impor a nação brasileira ao mundo.

Nando se levantou, esfregando as mãos, andando pela sala. Como transmitir a certeza de que havia um sistema?

— Pelo amor de Deus, Leslie — disse Nando —, não pense que eu imagino uma Roma conquistadora renascendo no Brasil. De mais a mais não me sinto com forças. Talvez nem haja mais os meios de organizar os índios numa outra República. Teríamos de encontrar outros métodos de cultivar esse último Adão. Mas no limiar do século dezessete, quando iniciaram sua obra, os jesuítas sentiram que Deus lhes entregava, em condições históricas, o homem em branco, o

Material com direitos autorais